

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLEBERSON WEBER

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

CURITIBA

2013

CLEBERSON WEBER

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Msc Cris Betina Schlemer

CURITIBA

2013

A CRIANÇA E A TELEVISÃO

WEBER, Cleberson¹

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Rio Negro/PR

RESUMO - Este artigo foi elaborado com o fito de avaliar o papel da televisão na formação da criança, de que forma a mesma influencia a criança, formas de interação. Não procurou-se conceber a televisão como uma vilã neste artigo, mas sob o prisma das mídias na educação, suas contribuições para aprendizagem, relações interpessoais, interface com a aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, envolvendo professores e alunos. Com a abordagem deste tema, foi possível através de uma pesquisa de campo, avaliar sobre o que pensam pais, professores e alunos a respeito do meio de comunicação TV e a influencia que conduz nossos pequenos a um mundo de violência, mágicas, bruxas, monstros, mistérios e fantasia, onde estão muitas vezes impossibilitados de fazer contato com o real.

Palavras-chave: Televisão. Mediação. Mídias. aprendizagem.

¹ Rua Ludovico Scuster, nº 12, casa – Bairro Estação Nova, CEP83.880-000– Rio Negro – PR.
e-mail: clebersonweber@ibest.com.br

1 INTRODUÇÃO

É cada vez mais comum vermos nas escolas professores aflitos pelo fato de que seus alunos só pensam em violência, é um comportamento que pode reproduzir dentro da escola situações vividas no cotidiano ou imitação da violência de filmes, desenhos e programas de TV.

Segundo Pitta (2003, p.68) a “violência é o lema dos desenhos infantis (...) e que as formas subliminares de atingir as crianças são sutis, mas, são presentes nos diálogos dos personagens, nas trilhas de fundo e seus efeitos”

O presente trabalho abordou o tema Televisão: Informação X Violência, com o objetivo de identificar a televisão como meio de informação e sua contribuição para violência infantil no âmbito escolar. A televisão quando colocada sob diferentes categorias de análise merece uma análise ancorada em autores, isolando algumas variáveis e, procurando deixar de lado, outras características. Dessa forma, o trabalho aborda a temática da televisão na interatividade com a criança, procurando não desmerecer o seu papel midiático, informativo, formativo, mas numa análise em que a sua influência pode trazer consequência para o desenvolvimento da criança, seja ele linguístico ou comportamental.

Este tema é de suma importância, pois releva-se os conflitos vivenciados no cotidiano escolar onde permeiam cada vez mais cenas de violência entre os educandos. É importante frisar que:

A linguagem da televisão é completamente diferente da linguagem de sala de aula. Enquanto nas escolas houve pouca evolução do tradicional quadro-de-giz e do professor, a TV criou uma nova forma de apreensão do mundo. O ritmo dos cortes de cenas nas edições dos programas é cada vez mais frenético(...) O fenômeno zapping, em que o telespectador, com o controle remoto à mão, troca de canal em um ritmo rápido durante a emissão, anteriormente associado às inserções publicitárias entre os programas, já ganhou o cotidiano do telespectador, tornando-se uma prática que busca a estimulação sensorial (MAGALHÃES, 2007, p. 73).

É mister que uma das funções de quem leciona nessa faixa etária é a ajudar o aluno a educar-se e, para isso, professor precisa ter sua atenção, expectativas e mente voltadas em direção ao futuro. Sabe-se da grande importância da escola na vida das crianças. A escola não pode fechar os olhos, deve sim, abri-los, para podermos

enfrentar e trabalhar os conteúdos dos programas que a TV apresenta as nossas crianças. A televisão é uma força muito poderosa, que tem que ser levada em conta. É uma força, entre muitas outras que interagem de modo completo no desenvolvimento infantil.

Se uma escola não ensina a assistir à televisão, para que mundo esta educando? [...] Se educar exige a preparação dos indivíduos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica àquela atividade a qual se dedicam a maioria de seu tempo? (MAGALHÃES, 2007, p. 13).

As crianças podem identificar-se com modelos propostos pela televisão, podem imitar o que veem na tela e de modo direto ou indireto serem influenciadas fortemente por ela.

[...], nos usos sociais da TV, interferem fatores importantes, muitas vezes ambíguos, que são fundamentais em qualquer experiência cultural e simbólica: razão e emoção; alienação e participação; sonho e realidade; lazer e trabalho; tédio e frustração. (NAPOLITANO. 2007, p. 17).

Nas crianças que ainda estão em desenvolvimento infantil, o impacto das mídias nesse processo merece uma reflexão dos responsáveis, uma vez que o nível de influência é maior, transitando entre a violência e consumo.

Os conteúdos das mensagens ganham tal credibilidade que passa não só a formar a opinião das pessoas, como a definir e consolidar valores e crenças.

A TV não tem como objetivo o cuidado e a educação das pessoas que dela fazem uso. Seu interesse é informar, divulgar fatos do cotidiano de interesse da coletividade e também garantir o lazer e entretenimento de seus telespectadores.

Muitas crianças apresentam comportamento agressivo devido a influência que sofrem de programas, filmes, noticiários e até mesmo de simples desenhos infantis que estão carregados de cenas de violência disfarçadas com um lindo cenário.

Em relação ao tema adotado “a criança e a televisão”, levantou-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma a televisão influencia para a agressividade da criança entre a 1ª e a 5ª séries do ensino fundamental na Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida, município de Rio Negro-PR?

A relevância deste trabalho está necessariamente ligado à questão da interatividade televisão-criança, muitas vezes referendada por pais e professores sem

nenhum alerta quando as modalidades de programação, cuidados com a faixa etária, estereótipos, etc. Nesse sentido, objetiva-se verificar de que forma alunos de uma escola pública interagem com a televisão e de que forma professores da referida escola promovem junto aos alunos um reflexão sobre os problemas, seus aspectos positivos, negativos, como estratégia pedagógica no campo das mídias educacionais.

Este artigo está ancorado numa pesquisa de campo, exploratória, descritiva, tendo como universo da pesquisa, professores de 1ª a 5ª séries do ensino fundamental, pais das crianças inseridas nessas fases de estudo e, alunos.

2 LEITURA E MÍDIAS

Na leitura, é preciso produzir uma intensa atividade interior: num romance, imaginar a paisagem e as personagens; numa obra teórica, por exemplo, filosófica, associar constantemente os pensamentos descritos.

E quem é o telespectador de desenhos infantis e programas infantis, senão as crianças, algumas vezes na presença dos pais?

Essa relação televisão e telespectador advém de um processo interativo com estudos em diferentes áreas, desde a psicologia comportamental, neurociência, adentrando no campo educacional na psicopedagogia.

A televisão atualmente é o meio de comunicação de massa mais utilizado e, portanto o que mais influência de forma direta ou indireta a vida de milhões de pessoas. Com suas mensagens diretas, sugestivas ou insinadoras leva as pessoas a seguirem modelos de comportamento.

De acordo com Ferrés (1996 apud Magalhães, 2007, p. 22), "... a televisão pode ser considerada um objeto total, ela não frustra, não se ausenta, não abandona, é responsável na maioria das vezes por tranquilizar tensões internas, minimizar os desejos não realizados, isso quando não os anula".

Evidentemente, corre-se o risco de estar sendo apresentado uma imagem subliminar numa programação infantil, dificultando uma análise crítica, seja de pais ou das autoridades responsáveis por essa seleção.

Não seja menor a importância da escola na reprodução da ideologia e das classes sociais. [...] A televisão ganha em atualidade e extensão geográfica e em quantidade de indivíduos atingidos ao mesmo tempo (GADOTTI, 1983).

Conforme Pretto (1994) vivemos num mundo de comunicação generalizada, com TVs, vídeos, micro games [...] Surge aí a necessidade de um novo professor. O mundo está entrando na escola pelo telhado e não podemos sair correndo pela porta dos fundos.

Desse modo, a televisão enquanto uma mídia serve de instrumento para os pais e educadores no processo de desenvolvimento psicológico. Entre a criança e a televisão, adultos (pais) e educadores assumem o papel de mediador nesse processo, avaliando aquilo que deve e que não deve chegar até a criança.

Na análise dessa relação televisão versus criança, Hammarberg (1999) apud Moura (2013, p. 4), relata, a partir do relatório do Comitê da ONU para os Direitos da Criança, as principais áreas a serem consideradas no debate sobre a influência da mídia na vida das crianças.

O primeiro deles dá conta que é preciso alterar a imagem da criança nas reportagens da mídia. Ao invés de retratá-la de forma limitada ou estereotipada, os jornalistas precisam se engajar na luta por seus direitos, a fim de salvaguardar a dignidade infantil. A imprensa precisa assumir o papel de vigilante da integridade da criança, não se aproveitar das suas fragilidades para provocar e ampliar a audiência dos programas. (MOURA, 2013, p. 4).

No artigo Art. 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente é descrito que “As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”.

Muitos são os questionamentos a respeito da televisão para todos nós de maneira geral. Para os pais, deixar a criança dentro de casa, assistindo programas infantis “inocentes”, acabou sendo uma alternativa frente aos riscos de deixá-lo brincar na rua.

Uma contradição que se evidencia nas histórias tanto de He-Man como She-Ra é que ela se desenrola em circunstâncias hedônicas, como a negação da sexualidade [...] A manipulação do aspecto espiritual do amor é a única forma utilizada; os contatos físicos não são cogitados. Esta forma platônica de amor é usada para posicionar este sentimento numa pretensa zona de neutralidade. É excluída qualquer conotação erótica que possa comprometer a beleza e a

inocência da espiritualidade. O sexo é considerado como um aspecto empobrecedor do amor, o que legitima o seu escamoteamento (1993, p. 44).

Sob o prisma educacional a televisão com seus programas infantis não são devidamente aproveitadas para a realização de atividades pedagógicas no processo ensino-aprendizagem. É importante salientar que a televisão não é inimiga da escola, pelo contrário:

Se uma escola não ensina a assistir à televisão, para que mundo esta educando? [...] Se educar exige a preparação dos indivíduos para uma integração reflexiva e crítica na sociedade, como serão integrados cidadãos que não estiverem preparados para realizar de forma crítica àquela atividade a qual se dedicam a maioria de seu tempo? (MAGALHÃES, 2007, p. 13).

Isso se deve entre outros fatores, ao acesso dos alunos à internet, salas informatizadas nas escolas, e, a oportunidade de “baixar” desenhos para os computadores através da própria internet.

A maior parte da aprendizagem social das crianças é através da televisão, contudo, não é intencional, ocorre frequentemente à medida que as crianças assistem a programas destinados basicamente ao entretenimento.

As crianças de zero a seis anos vivem em uma sociedade na qual os meios audiovisuais assumem uma importância crescente nos contextos educativos informais, principalmente no ambiente familiar, curiosamente, a TV é percebida, por muitos pais, como um meio de lazer e entretenimento que seduz, hipnotiza e diverte as crianças pequenas, constituindo por vezes uma espécie de ‘babá eletrônica’ que supostamente dispensa a ação educativa dos adultos (RODRIGUES, 2002, p. 140).

Os pais entregam os filhos para a televisão, eles veem filmes violentos, desenhos animados violentos, jogam videogames igualmente violentos. Assistindo ainda a violência real no noticiário. A violência na TV é como veneno para o cérebro da criança.

Segundo Rezende; Rezende (1993) a televisão é um fenômeno social da maior importância em nosso século. Já comparada à prensa de Gutemberg, ela criou explosiva oportunidade de circulação e informação e entretenimento. Uma tão espetacular inovação certamente conquistaria fanáticos adeptos e também ferrenhos inimigos.

A televisão é um poderoso instrumento, capaz de submeter hábitos e valores, influenciar negativamente as crianças, induzindo-as à marginalidade e fazendo com que internalizem modelos de comportamento.

A influência da mídia é reforçada pelo desenvolvimento social que tem por base expectativas sempre crescentes, ou seja, um desenvolvimento que enfatiza o aumento da produção, do consumo, das conquistas e da competição individual.

Uma criança assiste a programas que prendam sua atenção e despertem sua curiosidade. Para enriquecer sua vida estes programas deveriam, além disso, estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras as suas emoções, estar harmonizado com suas ansiedades, medos e aspirações, reconhecer plenamente suas dificuldades e, simultaneamente, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (LOBO, 1990).

Os personagens e situações mostradas na tela tornam-se referência para certas atitudes das crianças na vida cotidiana, portanto não é a presença em si da violência nos programas que levaria a criança a ser ela mesma, violenta, mas sim a associação entre violência e glória.

Uma das manifestações mais evidentes da modificação das experiências perceptivas pela televisão é justamente a multiplicação dos estímulos visuais e auditivos. As mensagens da televisão caracterizam-se cada vez mais por um ritmo trepidante, por uma aceleração cada vez maior na sucessão das cenas (FERRES, 1997, p. 17)

As novas tecnologias, caracterizadas como mediáticas são mais do que simples suportes. Elas interferem nos modos de pensar, sentir, agir, relacionar-se socialmente e adquirir conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

A televisão, como tecnologia, é um dos fatores de mudança que há muito tempo abandonou suas características de mero suporte e criou sua própria lógica, sua linguagem e maneiras particulares de comunicar-se com o homem por meio de suas capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas e comunicativas.

Segundo Ferres (1998, p. 12) “[...] uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa”. Para o autor, a tendência no meio escolar é a de adotar atitudes unilaterais diante da televisão.

O domínio da tecnologia envolvida no processo educativo ajuda, mas é preciso saber aproveitar os conhecimentos dos próprios alunos, e geral bem familiarizados com o funcionamento desse aparelho.

Incorporar a TV à educação significa introduzir outra linguagem, outro modo de pensar e perceber, num espaço em que as atividades se apoiam muito mais nas linguagens escrita e falada.

A TV pode oferecer informação, dinamizar temas significativos, incorporar transversalidade às atividades curriculares desenvolvidas na escola. A inserção de temas, programas ou filmes no processo pedagógico subverte o ritmo acadêmico, sem excluir a análise. Analisar a TV e incorporá-la aos processos de ensino-aprendizagem complementam-se.

Sabemos que as tecnologias estão presentes em nosso cotidiano não apenas em forma de suportes, mas de cultura. De fato, as tecnologias ampliam nossa visão de mundo, modificam as linguagens e propõem novos padrões éticos e novas maneiras de aprender a realidade. Conseqüentemente, a escola – seus dirigentes e professores – devem discutir e compreender seu papel nos processos de ensino e aprendizagem.

No caso das crianças, a substituição das brincadeiras ativas pela passiva assistência de programas de TV, ou pela interação com os games influencia perniciosamente, pois desenvolve e fixa mecanismos de resposta compatíveis com os estímulos decorrentes desses passatempos: a violência do ‘mocinho’ é justificada como resposta à violência dos “bandidos”. Assim, os automatismos-reflexos da ação física se transferem para a aplicação de conceitos que são incorporados pelas crianças às suas atitudes, deixando de lado conceitos socialmente desenvolvidos como ética, justiça e outros valores humanos, por exemplo (FREIRE in PARENTE, 1999, p.22).

A escola deve ser um espaço de mediação entre TV, crianças e jovens. Pode influenciar a recepção, a percepção e as reações aos diferentes meios. Detectando o caráter educativo dos programas, pode ampliá-lo, reforçá-lo, fazê-lo assunto de diálogo e discussão. Incorporando televisão ao currículo, pode propiciar às crianças mais reflexão e criticidade ao ver TV.

Na sociedade tecnológica a escola pode contribuir para formar cidadãos autônomos e conscientes, organizando experiências nas quais os alunos possam trabalhar sua postura crítica diante da massa de informações e mensagens que os bombardeiam sem cessar todo dia. Por meio da leitura crítica de imagens, podemos entender como nossas experiências e nossa identidade são socialmente construídas.

A revolução tecnológica nos coloca um desafio fundamental, ou seja, o de compreendermos que estamos diante do surgimento de uma outra cultura, que exige de nós uma adaptação nos modos de ver, de ler, de pensar e de aprender. Não se trata, portanto, de usar a tecnologia como modo de

expandirmos as antigas formas de ensino-aprendizagem, ou termos a mídia na escola como meio para amenizar o tédio do ensino, mas trata-se de um modo radicalmente novo de inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 23).

As tecnologias da informação e da comunicação apresentam-se como mais um registro oferecido à formação do cidadão. Quanto mais atentos e educados para a leitura crítica da TV – a que permite a percepção e o desvendamento de seus engenhos e artimanhas de seus ritos e mitos, de seus mecanismos de inclusão e exclusão, de invenção, simulação e ocultamento – maior capacidade teremos de enfrentar seu poder de imposição de conteúdos, concepções e significados.

Cada professor precisa reconhecer a necessidade de melhorar sua qualificação enquanto telespectador. E mobilizar-se para superar o nível superficial do gosto/não gosto, em relação à TV, construindo, pouco a pouco, um novo saber e um novo nível de relação consciente com ela.

O professor deve ser um pesquisador. Aquele que: observa, seleciona, questiona, analisa e que decide que meio usa e como usar. É necessário refletir quanto as necessidades do meio e ao que se quer com o meio; que função o programa desempenhará e como será a abordagem e a adaptação.

A boa escola inculca a aplicação, exige o hábito de reflexão e o exercício da memória. Não aplica a sensibilidade, mas convence. Não oferece deleite fácil e superficial, mas atrai para o cumprimento do dever. Procura, enfim, formar homens de pensamento e de ação, almas de valor, mediante métodos pedagógicos que apela para o empenho da razão e da força de vontade.

Barry (1994) afirma que não existe hoje nenhuma outra força que influencie tão poderosamente o comportamento quanto à televisão. Observa-se na citação do autor a afirmativa de que a maior parte do aprendizado da criança sobre o mundo e sobre os valores é a televisão em detrimento da escola e da própria família, uma vez que a tendência das famílias modernas onde os pais trabalham fora de casa é deixar cada vez mais suas crianças à frente da televisão uma vez que não desfrutam de tempo necessário para estar adequadamente cuidando dos filhos.

A partir desses pontos nota-se claramente a relevância social da televisão uma vez que ela terá uma função formadora de aprendizagem nas crianças.

Moran (1994, p.126), por outro lado apresenta a seguinte constatação:

A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, se deve à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens totalmente diferentes - imagens, fala, música, escrita – com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdos e ética pouco precisos. Normalmente a imagem mostra, a palavra explica, a música sensibiliza, o ritmo entretém. Todos os sentidos são acionados. Todo o nosso ser é atingido, não só a inteligência. Daí a sua força.

Observa-se também que a televisão é uma poderosa força de influência sobre as pessoas (em particular às crianças) em virtude de ser um meio de comunicação com grande difusão em nossa sociedade. Por tais razões é importante obter-se o conhecimento a respeito de sua influência sobre o comportamento infantil verificando-se a possibilidade de serem benéficas ou não às crianças.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter exploratória, bibliográfica e de campo, tendo em vista o envolvimento com alunos, a mesma assume o papel de ação-participante.

A pesquisa bibliográfica é a que se efetua tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominantemente de informações advindas de material gráfico, sonoro e informatizado. Para realizar uma pesquisa bibliográfica, é fundamental que o pesquisador faça um levantamento dos temas e dos tipos de abordagem já trabalhados por outros estudiosos, assimilando os conceitos e explorando os aspectos já publicados. Nesse sentido, é relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, internet, videotecas, etc. (BARROS LEHFELD, 2000)

De acordo com Andrade (2003, p. 127) “[...] pesquisa de campo é aquela utilizada como o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos a cerca de um

problema, para o qual se procura uma resposta ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.”

O desenvolvimento da pesquisa procedeu-se inicialmente, de visita à escola e entrega de autorizações encaminhadas aos pais, para que as crianças pudessem fazer parte da pesquisa. Posteriormente partiu-se para a investigação utilizando instrumentos de coleta de dados através de pesquisa de campo, direcionada por roteiros de entrevistas.

Esta é uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva. Foi realizada numa escola municipal de Rio Negro-PR utilizando-se a entrevista como instrumento de coleta de dados.

3.2 UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA

A amostra foi constituída por vinte alunos e cinco professores do ensino fundamental de 1ª a 5ª séries. Foram escolhidas cinco crianças de cada turma aleatoriamente, tendo como local a Escola Municipal Nossa Senhora Aparecida situada em Rio Negro-PR durante o período de novembro 2012 a junho de 2013. Foram elaboradas entrevistas ao grupo de pesquisa face ao número de pessoas

4 RESULTADOS

Para melhor observação dos resultados coletados procurou-se descrever os resultados tabulados, sem a apresentação de gráficos em virtude do limite de vinte páginas para o referido artigo.

4.1 ALUNOS

Na realização desta pergunta para os alunos, constatou-se que 100% assistem televisão. Pode-se perceber que 80% das crianças assistem as emissoras Globo e SBT, 15% assistem somente o SBT e 5% tem preferência pela Rede Globo.

Identificou-se que 40% das crianças entrevistadas assistem até 1 hora por dia, 25% até 2 horas e 35% mais de 2 horas. A programação televisiva é muito diversificada, com isso a preferência das crianças vai além dos desenhos.

Dos alunos entrevistados 95% assistem o programa preferido todos os dias e 5% não assistem diariamente.

A preferência pelo brinquedo ainda está vinculada ao sexo das crianças, 40% preferem boneca, 30% influenciados pelo desenho apresentado pela TV preferem *Barbie*, 15% gostam de carrinho, 10% optaram pelo videogame e 5% pela bicicleta. No roteiro de entrevista dos alunos pode-se perceber que a TV faz parte do mundo infantil, pois 100% das crianças entrevistadas responderam que assistem TV. Identificou-se que os canais de televisão que mais assistem são Globo e SBT com 80% da preferência das crianças, onde 40% das crianças assistem até 1 hora por dia, 35% mais de 2 horas e 25% até duas horas. Devido as crianças estarem expostas aos programas constantemente, percebe-se que a preferência das crianças por desenhos não é da maioria, pois algumas preferem novela, filme de terror e o programa para jovens, como a *Malhação*, 95% das crianças assistem seu programa preferido todos os dias e apenas 5% não assistem diariamente.

Do total de pais entrevistados 75% assistem TV com seus filhos, 20% não responderam a pergunta e 5% não assistem televisão com seus filhos.

As emissoras Globo e SBT têm a preferência de 40% dos pais, 20% preferem o SBT, 20% não responderam a pergunta, 10% preferem a Globo, 5% SBT e Cultura e 5%, Record e Bandeirantes. Em relação ao tempo que a criança assiste TV, 50% dos pais limitam o tempo, 30% não limitam o tempo que a criança assiste e 20% não responderam a pergunta. Percebeu-se que 70% dos pais preocupam-se em selecionar

os programas televisivos, 20% não responderam a pergunta e 10% não interferem no que o filho assiste. Com relação à pergunta, 55% dos pais preferem que seus filhos assistam no período matutino, 25% não responderam, 10% matutino e vespertino, 5% noturno e 5% vespertino.

Resgatando mais uma vez Barry (1994) observou-se que é de fundamental importância que as crianças tenham bem estabelecidas um tempo para dedicar a televisão, o autor também considera a necessidade do “tempo familiar” para que possam assistir e discutir junto à programação. A televisão, no entanto como foi constatada na pesquisa ainda não é uma experiência compartilhada por toda família, seja por alegação de falta de tempo, ou seja, por falta de se dar mais importância ao caso, muitos pais poderão perfeitamente assistir televisão junto a seus filhos sem que essa experiência seja de algum valor para a formação das crianças.

4.2 PAIS

Em relação aos programas 75% dos pais responderam que conhecem o conteúdo dos programas que seu filho assiste 20% não responderam a pergunta e 5% não conhece os conteúdos. Dos pais entrevistados, 80% acreditam que os programas de televisão influenciam nos casos de violência que acontecem na escola e 20% não responderam a pergunta.

Nesta pergunta, 70% dos pais acreditam que seus filhos não assistem programas de conteúdos violentos, 20% não responderam e 10% não sabem. No roteiro de entrevistas dos pais, constatou-se que 75% deles assistem TV com seus filhos, 20% não responderam a pergunta e 5% não assistem TV com os filhos. As emissoras Globo e SBT têm a preferência de 40% dos pais. Dos pais entrevistados 50% limita o tempo que o filho assiste TV e 30% deixam livre.

Percebeu-se que 70% dos pais estão preocupados com os programas que seus filhos assistem, os mesmos selecionam o que se pode assistir e 15% dizem não ser necessário selecionar os programas, 55% acreditam que o período matutino é o melhor

para assistir, porque a programação é para o universo infantil, 75% afirmam que conhecem os conteúdos dos programas infantis e apenas 5% relataram que não conhecem. Os pais entrevistados acreditam que a programação televisiva influencia os casos de violência que acontecem na escola, pois 80% responderam que sim em relação a essa pergunta, pode-se perceber uma contradição nas respostas, porque 70% afirmam que seus filhos não assistem programas de conteúdos violentos, sendo assim percebeu-se que os pais não conhecem realmente o conteúdo das programações do período matutino, que os mesmos afirmam ser o melhor para as crianças.

4.3 PROFESSORES

Dos professores entrevistados 80% responderam que conhecem os conteúdos dos programas infantis, 20% não conhecem. Constatou-se que 80% acreditam que a programação da TV contribui para a violência infantil e 20% acreditam que não contribui.

Dos professores entrevistados 80% responderam que já presenciaram relato de violência sobre programas que as crianças assistem e 20% responderam que não.

Nesta pergunta verificou-se que 60% utilizam a TV uma vez por mês e 40% não utilizam a TV como recurso pedagógico.

Com relação à questão “De que forma a assistência televisiva pode contribuir na prática pedagógica”, as respostas dos professores foram:

P1: “Não vejo forma alguma, porque não a conheço, não assisto”; “Como reforço e ilustração de conteúdos apresentados, em aula”;

P2: “[...] quando os programas de TV são bons servem como um complemento em sala de aula, para conversações entre professor e alunos e debates sobre um fato”;

P3: “Através de uma visão crítica, observando as ideologias capitalistas repassadas, conversando com os alunos a observarem estes aspectos”;

P4: “Avaliando melhor os conteúdos, com melhores exemplos, valores morais, sociais”.

Dos professores entrevistados 80% afirmam que conhecem o conteúdo dos programas infantis dedicados as crianças e 20% não conhecem. Portanto, 80% dos professores acreditam que a programação da televisão pode contribuir para a violência infantil e 20% acreditam que não. Os professores destacam que não devemos ignorar os relatos tão significativos das crianças, pois 80% deles já presenciaram relatos de seus alunos sobre programas que assistem na televisão. Percebeu-se uma contradição de opiniões sobre como a assistência televisiva pode contribuir na prática pedagógica, alguns acreditam que são poucos os programas que passam na TV que podem ser utilizados em sua prática pedagógica ou como complemento da aula, outros acreditam que a TV não contribui em nada e por isso pretendem ignorá-la, 60% usam a televisão uma vez por mês como recurso pedagógico e 40% não usam, porque acreditam não ser necessário.

5 DISCUSSÃO

No roteiro de entrevista dos alunos pode-se perceber que a TV faz parte do mundo infantil, pois 100% das crianças entrevistadas responderam que assistem TV.

Infelizmente, as crianças deixam de buscarem atividades lúdicas necessárias ao seu desenvolvimento, trocando-as pelos programas de televisão. Identificou-se que os canais de televisão que mais assistem são Globo e SBT com 80% da preferência das crianças, onde 40% das crianças assistem até 1 hora por dia, 35% mais de 2 horas e 25% até duas horas. Devido as crianças estarem expostas aos programas constantemente, percebe-se que a preferência das crianças por desenhos não é da maioria, pois algumas preferem novela, filme de terror e programas para adolescentes.

Nesse sentido, Bucht (2002) assevera que não há fórmula pronta para o que seja um “bom” programa ou conteúdo de mídia. As crianças são ativas e curiosas, e elas se orientam no ambiente de maneira a construir significados. Elas querem aprender, se divertir, construir relações sociais e criar sua própria identidade – também no meio da mídia. (...)

No roteiro de entrevistas dos pais, constatou-se que 75% deles assistem TV com seus filhos, 20% não responderam à pergunta e 5% não assistem TV com os filhos. As emissoras Globo e SBT têm a preferência de 40% dos pais. Dos pais entrevistados 50% limita o tempo que o filho assiste TV e 30% deixam livre. Percebeu-se que 70% dos pais estão preocupados com os programas que seus filhos assistem, os mesmos selecionam o que se pode assistir e 15% dizem não ser necessário selecionar os programas, 55% acreditam que o período matutino é o melhor para assistir, porque a programação é para o universo infantil, 75% afirmam que conhecem os conteúdos dos programas infantis e apenas 5% relataram que não conhecem. Os pais entrevistados acreditam que a programação televisiva influencia os casos de violência que acontecem na escola, pois 80% responderam que sim em relação a essa pergunta, pode-se perceber uma contradição nas respostas, porque 70% afirmam que seus filhos não assistem programas de conteúdos violentos, sendo assim percebeu-se que os pais não conhecem realmente o conteúdo das programações do período matutino, que os mesmos afirmam ser o melhor para as crianças.

Barbosa, Furtado, Teixeira (1999) afirmam que a família e a escola ainda desempenham um forte papel importante na formação da criança, e ambos podem, e devem assumir a tarefa de aprender e de ensinar as crianças a aprenderem a assistir TV.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a abordagem deste tema, foi possível através de uma pesquisa de campo, avaliar sobre o que pensam pais, professores e alunos a respeito do meio de comunicação TV e a influencia que conduz nossos pequenos a um mundo de violência, mágicas, bruxas, monstros, mistérios e fantasia, onde estão muitas vezes impossibilitados de fazer contato com o real. A TV participa do mundo infantil, através da qual a criança forma o conhecimento do meio, de si e do outro.

Penteado (2000, p.116) afirma que “... o texto televisivo é, sem dúvida, algo amplamente disseminado na vida de todos nós, por isso é impossível ignorá-lo”.

A televisão pode motivar na criança a preferência pela vida que nela é mostrada, a vida “fabricada”, em detrimento a sua própria vida. Provoca na criança uma perda de iniciativa, ela não é incentivada a dialogar, questionar ou refletir sobre o que está vendo, pois a mesma exerce uma atitude de mera expectadora dos fatos. Ela vivencia, através dos programas de TV, emoções que não são suas, isto afasta de suas emoções autênticas.

Por outro lado, “... dominar a linguagem da televisão para não ser dominado por ela. Perceber os truques da telinha, compreender suas técnicas de persuasão, desmontar sua magia para ver como funciona” (BELLONI, 2001, p. 68).

Os pais acreditam que a programação infantil no período matutino é a melhor para as crianças assistirem, o que significa incoerência, pois as emissoras Globo e SBT têm nessa programação um conteúdo que ressalta o individualismo, violência, e a competição e sua força reside na esperteza, que é sempre usada em benefício próprio, trazem na sua maioria uma aberração ao público infantil, pois são veiculadas cenas de total descaso pela família, o uso da mentira para resolver situações, incentivo a bebida, inibição de valores. É de suma importância que os pais devem ensinar seus filhos a verem a TV, não proibindo, mas discutindo e refletindo a televisão enquanto fenômeno social. Os pais passam menos tempo com, os filhos, o que torna-se difícil avaliar ou ponderar sobre o que seus filhos assistem. É necessário, portanto buscar que esse aprendizado seja coerente e valorizado e a família será de fundamental importância para tal. Muitas crianças têm dificuldades em separar-se da televisão, ou seja, elas criam um elo com a televisão, o que poderia ser levantado e aprofundado em uma outra pesquisa.

Bucht (2002) salienta que os pais acabam percebendo a influência que a televisão exerce nas crianças, através da publicidade atrativa e envolvente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BARBOSA, Ana Mercês; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, M^a de Lourdes T. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BARROS, A. J. P; LEHFELD, N. A.de S. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARRY, T.B. **Momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BUCHT, Catharina. **Perspectivas sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, 2002.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOBO, Luiz. **Nem babá eletrônica nem bicho-papão** - a criança diante da TV. Rio de Janeiro: Lidador, 1991.

MAGALHÃES, Lucila Rupp de. A mestra da televisão. **Dois pontos**: teoria & prática em gestão educacional. Belo Horizonte, v. 5, n. 42, p. 11-16, maio/jun. 1999.

MAGALHÃES, Cláudio Márcio. **Os programas infantis da TV**: teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. & REY, Germán. **Os exercícios do ver**. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. SENAC, São Paulo, 2001.

MORAN, J.M. **Como ver televisão**. São Paulo: Paulina, 1993.

_____. MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **Revista INTERCOM**. São Paulo, Vol. XVII, N. 2, 1994. Disponível na internet: <http://www.ffp.uerj.br>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

MOURA, Luciana Teles. **A televisão na vida das crianças**: uma dialética na contemporaneidade. Disponível em: <http://www.novomilenio.br/comunicacoes/1/artigo/13_luciana.pdf>. Acesso em: 20 maio 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

PACHECO, E.D. **O pica-pau**: herói ou vilão? Representação da criança e reprodução da ideologia dominante. São Paulo: Loyola, 1985.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola**: conflito ou cooperação? 3. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

PITTA, Tercia de Tasso Moreira. PEÑA, Maria de Los Dolores Jimenes (org.). A Mídia pode tudo e a Criança acha que pode. **Caderno de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura**. São Paulo, v.3, nº1, 2003. Disponível na internet: <http://www.ffp.uerj.br>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

PRETO, Nelson. Parabólica – alucine sua antena. **Revista da TV Escola**, Rio de Janeiro (Fundação Roquete Pinto)p. 34, out./nov 1994.

REZENDE, Ana Lúcia M.; REZENDE, Nauro Borges de. **A tevê e a criança que te vê**. São Paulo: Cortez, 1993.

TILBURG, João Luís Van. Para uma leitura crítica da televisão. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

TEIXEIRA, L. M. **A criança e a televisão** – amigos ou inimigos. São Paulo: Loyola, 1985.